

RESPOSTA A ROB A. FRINGER E STANLEY MAKHOSI BHEBHE

Eudo Prado, Professor de Educação Teológica Descentralizada
Igreja do Nazareno – Região da América do Sul

Discutirei abaixo as apresentações do Dr. Rob A. Fringer, “Povo Quebrado-Santo: Um apelo bíblico para que o povo santo de Deus aceite uma perfeição menos perfeita”, e do Dr. Stanley Makhosi Bhebhe, intitulada “O Projeto Final de Deus: Reunindo, formando e moldando um povo santo para o prazer de Deus”. As duas obras concentram-se na Igreja como o povo santo de Deus, abordando aspectos significativos relacionados a este tema em suas respectivas investigações, por meio das quais elas mencionam nossa teologia de santidade prática com grande propriedade e profundidade de reflexão. Em seguida, me esforçarei para apresentar de maneira apropriada estes eixos problemáticos na medida em que coincidem e as questões que se apresentam diante das conclusões obtidas por ambos os pesquisadores, principalmente em termos de suas implicações para o momento atual vivido pela reflexão teológica em nossa denominação.

No momento em que escrevo esta resposta, do meu ponto de vista, um debate acalorado se desencadeou em nossa denominação acerca da ortodoxia e da validade de algumas de nossas convenções doutrinárias e, além disso, de quais delas são consideradas definitivas à luz do nosso Manual, em face das mudanças culturais que vêm se apresentando há algum tempo em nível global, como é o caso da questão da identidade sexual e da afirmação LGBTQ no centro da comunidade cristã. Embora as obras às quais me foi dada a honra muito elevada de responder não mencionem a controvérsia citada acima, considero que muitas de suas reflexões seriam úteis para administrar tanto este problema quanto outros de natureza igualmente sensível para a vida da nossa igreja atual, o que está em linha com a vontade de Deus tanto na área acadêmica quanto na eclesiástica.

Uma vez apresentadas estas simples considerações introdutórias, passarei sem demora à discussão da essência das duas obras. Ambas convergem no conceito da comunidade de um povo santo como o caráter constitutivo da igreja, de acordo com o propósito criativo e redentivo de Deus. Bhebhe aponta que Deus criou o ser humano para um propósito relacional, para o Seu próprio deleite, como expressão da natureza comunal da Divindade. Deus tem grande prazer na comunhão com a comunidade daqueles a quem redimiu. O objetivo final de Deus é, portanto, como expresso na história salvífica, “reunir, reformar e moldar um povo santo”. Sendo assim, ele afirma que “a característica essencial e permanente da Igreja é que ela é, por projeto, intenção e identidade, uma comunidade”. Nisso, está de acordo com a abordagem de Fringer, de nos lembrar de que a comunidade é um aspecto significativo da imagem de Deus em nós. “Fomos criados em comunidade e para a comunidade.” Neste sentido, ele explica o senso corporativo da presença do Espírito Santo para nos unir uns com os outros em um corpo, o corpo de Cristo.

Agora, a análise teológica bíblica da ideia central da Igreja como o povo santo de Deus leva a conclusões importantes no tratamento de ambos os expositores, o que, além do mais, leva a implicações muito práticas que nos ajudam a entender com mais profundidade algumas convicções doutrinárias tradicionais e permitem a avaliação sincera de nossas práticas eclesiológicas e missiológicas diante da cultura global presente.

Segundo Fringer, abordar o Espírito como um dom individual é errado e tem concentrado nossa atenção na santidade individual. Esta perspectiva tradicional possui um fator agravante e tem despertado o desejo pessoal equivocado de adquirir certo tipo de perfeição com parâmetros legalistas. Concordo plenamente com a abordagem dele, porque a moralidade, ou o esforço

moral, de modo algum representa a definição bíblica da experiência e da vida de santidade. A moralidade nos individualiza e nos separa, ocupando-se mais simplesmente em preservar uma imagem diante das outras pessoas do que em desenvolver relacionamentos verdadeiramente alicerçados no amor cristão. Pode-se dizer que esta concepção errada nos tem levado às diversas maneiras farisaicas de “coar o mosquito e engolir o camelo”.¹

É aqui que desejo ressaltar a importância de ser claro quanto ao conceito bíblico de perfeição. Uma das coisas que mais obscurece a nossa visão do caráter da Igreja como povo santo de Deus é o conceito tradicional do pecado como um problema individual, o que ao mesmo tempo evita o cumprimento total da missão. Fundamentalmente, o pecado envolve relacionamentos alterados. Bhebhe expressa isso com muita propriedade nos seguintes termos: “É com essa compreensão contextual do pecado como corrupção perversa da perfeita e bela ordem da criação e dos relacionamentos determinados por Deus que precisamos compreender quão fundamental é a comunidade para que um povo santo seja, de fato, testemunha para o mundo”.

Sendo assim, como aponta Fringer, a comunidade é um aspecto significativo da imagem de Deus em nós, e fomos criados em comunidade para vivermos em comunidade. De acordo com sua explicação acertada do senso corporativo da presença do Espírito para nos unir uns aos outros em um Povo Santo, apoio 100% sua declaração de que “apenas como corpo de Cristo podemos ser santos como Deus é santo”. Aqui entra em vigor o título do seu trabalho: “Povo Quebrado-Santo”. Que tipo de perfeição promovemos ou aspiramos em nossas comunidades eclesiais? Fringer nos relembra de que a perfeição, no Novo Testamento, está fundamentalmente relacionada ao amor de Deus. Ele aponta que “Esse tipo de ser e viver é perfeito quando é motivado pelo amor e vivenciado em comunidade”... A nossa capacidade não determina a nossa perfeição. O pecado ou a moralidade individuais também não. Se nós somos o corpo, cheio do Espírito, com Cristo como o cabeça, então somos santos, mesmo enquanto ainda estamos nos tornando santos”. Com base nisto, quero resumir sua análise afirmando que o propósito da perfeição do amor é nos associarmos com Deus em Sua missão relacional.

Na minha opinião, quando conectamos as importantes reflexões de Fringer e Bhebhe à luz do eixo temático desta sessão, “No Poder do Espírito: Povo Santo”, levantam-se importantes questões para reflexão. Será que estamos realmente permitindo que o Espírito Santo dê forma à comunidade de amor que Ele deseja, quando, contrariamente, rejeitamos a imperfeição que compartilhamos? Será que, muitas vezes, a partir de um legalismo evidentemente acentuado, preferimos fechar as portas do reino de Deus às pessoas?²

Também considero importante lembrar que “comunidade do amor” não se refere fundamentalmente à vida externa em comum, nem a permanecermos fisicamente próximos dos outros, porque podemos estar “perto”, mas separados dos outros. Mais propriamente, refere-se à “unidade do amor”, que significa estarmos juntos construindo um povo santo, apesar das imperfeições individuais. Basicamente, é o que Atos 4:32 nos ensina sobre a vida dos primeiros cristãos. “Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham.” Santo Agostinho explicava esta comunidade de amor, esta unidade do Espírito, da seguinte maneira:

¹ Matthew 23:24

² Matthew 23:13

“A sua alma não pertence a você, mas a todos os seus irmãos; e a alma deles é sua; ou melhor, a alma deles e a sua não são almas [no plural], e sim a alma única de Cristo”.³

Como expressei na parte introdutória desta resposta, e segundo a análise de ambos os preletores que me esforcei para interpretar com a máxima fidelidade por meio do processamento reflexivo de algumas de suas ideias mais essenciais, as contribuições de ambos são tanto relevantes quanto enriquecedoras, e podem servir de base para motivar e orientar o diálogo teológico sobre estes tópicos relacionados à vida de santidade prática mencionada aqui. Semelhantemente, o modo como estes temas foram apresentados por Fringer e Bhebhe, onde a motivação e o interesse movidos por amor são evidentes para a afirmação de nossa comunidade como povo santo de Deus, a despeito das inumeráveis diferenças que podemos apresentar entre nós, leva-me, em particular, a ser proativo em considerar tais exortações.

A. W. Tozer disse certa vez: “Está na natureza do amor ser incapaz de ficar inerte. Ele é ativo, criativo e benigno. ‘Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.’ ‘Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito.’ Sendo assim, deve suceder que, onde há amor, o amor sempre deve dar de si, custe o que custar”.⁴

³ Augustine, “Letter 243, 4” in Works of St. Augustine, v. XIb, 2 ed., (Madrid: BAC, 1958) 420.

⁴ A. W. Tozer: The knowledge of the Holy God. (Florida: Editorial Vida, 1996) 110.